TRIBALIZAÇÃO URBANA NO BRASIL: TRAMA DE TERRITORIALIDADES E EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS EM CONTEXTOS LATINO-AMERICANOS

Urban tribalization in Brazil: a weave of territorialities and tourism experiences in Latin American contexts

Anny Gabrielly Peixoto de Oliveira[1], Jóice dos Santos Bernardo[2] & Maria Luiza Cardinale Baptista[3]

RESUMO

O artigo visa refletir como processos de tribalização urbana, no contexto latino-americano, contribuem para a construção de territorialidades ecossistêmicas e a configuração de experiências turísticas. Trata-se de produção vinculada ao Amorcomtur! - Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS), o que sinaliza para uma compreensão epistemológica entrelaçada às visões de Ciência Holística (Crema, 1989), Complexa (Morin, 2002; 2013) e Ecossistêmica (Capra, 1997). Abordam-se dois recortes principais, os grupos de dança tradicional Gaúcha e o megaevento Todo Mundo no Rio 2026. Assim, o estudo dialoga com perspectivas do pensamento complexo e com abordagens latino-americanas que compreendem o turismo como fenômeno relacional, ético e afetivo. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, a partir da estratégia Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014; 2023). Os resultados indicam que tais tribalizações atuam como mediadoras de experiências turísticas sensíveis. Conclui-se que, nos recortes apresentados, percebem-se potentes sinalizadores para a construção de um turismo mais amoroso, inclusivo e conectado às vozes e territorialidades da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Tribalização urbana; Territorialidade simbólica; América Latina.

[1] **Anny Gabrielly Peixoto de Oliveira –** Doutoranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul. Membro do Amorcomtur! Ecossistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Universidade de Caxias do Sul. Rio Grande do Sul. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9904420994652908. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5915-2274. E-mail: agpoliveira1@ucs.br.

[2] **Jóice dos Santos Bernardo –** Doutoranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul. Docente do Centro de Comunicação do Centro Universitário da Serra Gaúcha. Membro Amorcomtur! Ecossistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Universidade de Caxias do Sul. Rio Grande do Sul. Lattes: https://lattes.cnpq.br/6767608230556344. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8220-9382. E-mail: joicessbb@gmail.com.

[3] **Maria Luiza Cardinale Baptista -** Doutora em Ciências, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Amorcomtur! Ecossistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2996705711002245. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7096-1160. E-mail: maluluizacardinalebaptista@gmail.com.

ABSTRACT

The article aims to reflect on how processes of urban tribalization, within the Latin American context, contribute to the construction of ecosystemic territorialities and the configuration of tourism experiences. This production is linked to Amorcomtur! – the Study Group on Communication, Tourism, Lovingness, and Autopoiesis (CNPq-UCS), which signals an epistemological understanding intertwined with the perspectives of Holistic Science (Crema, 1989), Complexity Science (Morin, 2002; 2013), and Ecosystemic Science (Capra, 1997). Two main case studies are addressed: traditional Gaúcho dance groups and the mega-event *Todo Mundo no Rio 2026*. Thus, the study engages with perspectives of complex thought and with Latin American approaches that understand tourism as a relational, ethical, and affective phenomenon. Methodologically, a qualitative approach is adopted through the "Cartography of Knowledge" strategy proposed by Baptista (2014; 2023). The results indicate that such tribalizations act as mediators of sensitive tourism experiences. It is concluded that, within the presented cases, there are powerful indicators for the construction of a more loving, inclusive, and interconnected form of tourism, one that is connected to the voices and territorialities of Latin America.

KEYWORDS

Tourism; Urban Tribalization; Symbolic Territoriality; Latin America.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, com autoria de três pesquisadoras, visando refletir como processos de tribalização urbana, no contexto latino-americano, criam condições para a construção de territorialidades simbólicas e a configuração de experiências turísticas em espaços urbanos contemporâneos. Para atender a esse objetivo, o estudo estrutura-se a partir de dois recortes empíricos distintos e complementares, em que foram analisados processos de pertencimento e identidade coletiva, foram feitas reflexões sobre como esses processos se traduzem em territorialidades ecossistêmicas e experiências turísticas sensíveis, bem como foi possível refletir sobre as contribuições desses processos de tribalização para a construção de um turismo mais ético, amoroso e alinhado às potências da América Latina.

Metodologicamente, a pesquisa orienta-se pela combinação da Cartografia dos Saberes e das Matrizes Rizomáticas, estratégias propostas por Baptista (2014; 2023). Trata-se de uma abordagem qualitativa, processual e plurimetodológica. Assim, a Cartografia dos Saberes organiza o percurso da pesquisa em trilhas simultâneas que serão abordadas no item "Metodologia" do presente estudo.

Complementando essa perspectiva, as Matrizes Rizomáticas, inspiradas no conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), possibilitam visualizar as conexões e os fluxos que emergem ao longo da investigação. Em diálogo com a concepção de cartografia de Suely Rolnik (1989), a estratégia metodológica compreende, portanto, o conhecimento como um processo dinâmico, mutável e não linear, especialmente adequado para investigar fenômenos urbanos contemporâneos marcados pela fluidez, pelas territorialidades simbólicas e pelas experiências afetivas compartilhadas.

Tratando dos ecossistemas que são abordados neste estudo, o primeiro deles refere-se à dança tradicional gaúcha, compreendida como prática cultural que mobiliza processos de enraizamento e pertencimento no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O segundo ecossistema situa-se no campo dos megaeventos artístico-musicais de escala latino-americana, tendo como foco o show da cantora colombiana Shakira, realizado em 2 de maio de 2026, na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, no âmbito do projeto Todo Mundo no Rio. Juntos. Esses dois recortes permitem conhecer formas distintas e complementares de tribalização urbana: uma ancorada na continuidade histórica e na ritualidade cotidiana, outra marcada pela intensidade, pela mobilidade e pela mediação tecnológica. Ambas são produtoras de territorialidades ecossistêmicas e experiências turísticas significativas, no contexto brasileiro e latino-americano.

Embora os dois ecossistemas empíricos escolhidos, a dança tradicional gaúcha nos CTGs e o megaevento artístico-musical de Shakira em Copacabana, possam parecer, à primeira vista, universos distantes em forma e escala, eles revelam uma mesma lógica subjacente: a de que os seres humanos constroem sentido e pertencimento por meio de experiências coletivas carregadas de afeto, estética e ritualidade.

Na América Latina, essas experiências coletivas, sejam elas ancoradas na tradição ou mediadas por redes tecnológicas, continuam a operar como formas fundamentais de produção de identidade, afeto e territorialidade, com marcas tribais e totêmicas que atravessam contextos, temporalidades e escalas. A perspectiva ecossistêmica de Capra (1996; 2007) oferece, nesse sentido, uma lente iluminadora: se o mundo é uma rede de fenômenos fundamentalmente interconectados, as tribalizações urbanas podem ser compreendidas como nós dessa rede, pontos de densidade simbólica e afetiva onde os fios que conectam sujeitos, territórios, culturas e memórias se tornam visíveis e palpáveis. É nesse entrelaçamento entre tribalização, territorialidade ecossistêmica e amorosidade que reside a contribuição central deste estudo: a

de que a América Latina possui formas próprias, criativas e profundamente humanas de fazer turismo, formas que merecem ser investigadas, narradas e celebradas.

Tais ponderações e a sistemática de elaboração desses recortes alinham-se à perspectiva adotada por nosso grupo de pesquisas, situado na região Sul do Brasil, que concebe o ato de pesquisar como uma "viagem investigativa", metáfora proposta por Baptista (2014; 2023) para descrever um percurso de produção de conhecimento que é atravessado por questionamentos, sensibilidades e escolhas teóricas situadas. É nessa lógica que esta produção se propõe a articular teoria e observação de maneira interpretativa, problematizando os fenômenos analisados a partir de suas dimensões sensíveis, simbólicas e afetivas, dimensões que, como se verá, são constitutivas das próprias tribos investigadas.

Os resultados indicam que os processos de tribalização urbana analisados atuam como mediadores de experiências turísticas sensíveis e significativas, revelando que o pertencimento simbólico e o afeto coletivo são dimensões centrais na configuração do turismo contemporâneo. Tanto o processo de tribalização gaúcha, sustentado pela ritualidade cotidiana dos CTGs e pelo enraizamento histórico-cultural do Rio Grande do Sul, quanto o da tribalização da "alcateia"[4] de Shakira, constituído em torno de valores compartilhados de sororidade, resistência e identidade latina, evidenciam que os espaços urbanos podem ser temporária ou permanentemente reinventados pela emoção coletiva, tornando-se territórios simbólicos de encontro, reconhecimento e transformação. Em outras palavras, nos dois recortes apresentados, percebem-se potentes sinalizadores para a construção de um turismo mais amoroso, inclusivo e conectado às vozes e territorialidades da América Latina.

A abordagem deste texto vem sendo trabalhada em com-versações do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPQ-UCS). A produção está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), contando com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[4] Nome dado ao grupo de fãs da cantora colombiana Shakira.

TRIBALIZAÇÃO URBANA

A noção de tribalização urbana encontra respaldo nas contribuições de Michel Maffesoli (1998), que compreende as "tribos" como formas contemporâneas de sociabilidade, baseadas no afeto, na identificação simbólica e na partilha de estilos de vida. Conforme Maffesoli (1998, p. 194) "em todos os domínios, intelectual, cultural, cultural, comercial, político, observamos a existência desses enraizamentos que permitem a um "corpo" social existir enquanto tal".

Para compreender a profundidade dos vínculos que sustentam os processos de tribalização urbana, é necessário recuar às bases antropológicas e psicanalíticas que fundamentam a própria ideia de tribo. Freud (1903/1974)[5], em Totem e Tabu, oferece uma contribuição seminal ao analisar as estruturas elementares que organizam a vida coletiva nas sociedades humanas. Para Freud (1913/1974), o totem, seja um animal, uma força da natureza ou um símbolo, funciona como elemento aglutinador do grupo, estabelecendo simultaneamente laços de identificação entre os membros e fronteiras simbólicas em relação ao exterior. O totem não é apenas um símbolo, é como se fosse um fundamento da coesão grupal, o objeto em torno do qual o coletivo se reconhece como unidade. Essa lógica totêmica, longe de ser exclusiva das sociedades ditas "primitivas", reverbera nas tribos urbanas contemporâneas, seja na bombacha e na chula dos CTGs, seja na figura da loba que unifica a "alcateia" de fãs de Shakira, em torno de valores e afetos compartilhados.

Lévi-Strauss (1962/1986)[6], por sua vez, em O Pensamento Selvagem, aprofunda essa compreensão ao demonstrar que o pensamento mítico e simbólico não é uma forma inferior de cognição, mas uma modalidade específica de organizar e dar sentido ao mundo, tão rigorosa e sofisticada quanto o pensamento científico, apenas orientada por outra lógica. Para o autor, os sistemas de classificação simbólica, os totens, os mitos, os rituais, são formas pelas quais os grupos humanos constroem identidade, estabelecem diferenças e produzem pertencimento. Trazendo essa perspectiva para o contexto da tribalização urbana, é possível compreender que as práticas simbólicas dos CTGs e da alcateia, as indumentárias, os rituais de dança, os gestos de identificação coletiva, os símbolos partilhados, não são meros adornos culturais, mas estruturas simbólicas que organizam o pertencimento e fundam a identidade grupal, tal como Lévi-Strauss descreveu nas sociedades que estudou. Em um primeiro olhar, parecem tratar-se de universos

[5] A obra Totem e Tabu foi originalmente publicada em alemão em 1913, sob o título Totem und Tabu.
[6] A obra O Totemismo Hoje foi originalmente publicada em francês em 1962, sob o título Le Totémisme aujourd'hui.

totalmente diferentes, mas uma mirada mais profunda demonstra a lógica totêmica, como uma constante nos dois universos.

Diferentemente das estruturas sociais marcadas pela racionalidade e pela individualização, as tribalizações evidenciam o retorno do sensível e ao coletivo. Assim sendo, para Maffesoli (1998), vivemos um deslocamento para uma sensibilidade pós-moderna, na qual emergem formas de sociabilidade baseadas no afeto, na estética e no pertencimento coletivo (as "tribos"). Essa perspectiva dialoga, de forma produtiva, com as leituras de Freud (1903/1974) e Lévi-Strauss (1986), onde, para os autores, o fundamento simbólico e totêmico da vida coletiva é universal e estruturante. Para Maffesoli (1998), ele se reatualiza nas metrópoles contemporâneas sob novas formas, sem perder sua essência afetiva e ritualizadora.

Relacionado ao campo do turismo, essa perspectiva dialoga com abordagens que o compreendem como fenômeno complexo. Por exemplo, os estudos de Fritjof Capra (1996, 2007), enfatizam a interconexão entre dimensões sociais, culturais e ambientais: "a teia da vida é constituída por redes dentro de redes." Capra (1996, p. 34). O autor ainda apresenta a interpretação de sistemas e da ecologia profunda, apontando que o mundo não pode ser comparado com uma coleção de objetos isolados, mas precisa ser entendido como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados (Capra, 2007). Nesta perspectiva, todos os seres fazem parte de um grande ecossistema que se altera, constantemente, para continuar existindo. Dizer isso nos leva ao entendimento que tudo é vivo ao nosso redor. Baptista (2016) descreve a sua concepção de 'Ecossistema':

> É um sistema de vida, em sentido complexo, de trama de existências, de feixes de entrelaçamentos, considerando dimensões concretas e abstratas, sempre em processo, sempre em mutação. Trata-se, para mim, do sistema em que a vida 'floresce, brota', em processos múltiplos e decorrentes de interações, conexões e rupturas. (Baptista, 2016, p. 4).

Neste estudo, trata-se o ecossistema como sendo o lar de todos os acontecimentos. Tanto a dança, o turismo, a subjetividade e os processos comunicacionais que ocorrem no grande ecossistema, que se recria continuamente conforme a movimentação. Não apenas nas áreas de estudo, mas como seres: entende-se que somos seres integrantes de um sistema muito maior e que estamos todos interconectados de alguma maneira.

Essas conexões nos transformam de tal forma que tudo o que é vivo está entrelaçado, e isso se refere muito além das relações humanas: estamos conectados com animais, plantas, clima e até partículas da atmosfera. Nessa mesma direção, Boaventura de Sousa Santos (2010) contribui ao defender uma ecologia de saberes, em "Epistemologias do Sul", justamente reconhecendo a legitimidade de conhecimentos plurais e territorializados, especialmente no contexto latino-americano.

A ideia de territorialidade ecossistêmica amplia a compreensão de território para além de sua dimensão física, incorporando aspectos afetivos, culturais e identitários. Trata-se de um espaço vivido, sentido e narrado, no qual práticas como a dança assumem papel central na produção de sentidos. Dessa maneira, nos itens a seguir, serão abordados dois exemplos que trazem provocações para refletir acerca dos processos de tribalização urbana e suas influências na construção de territorialidades simbólicas no Avesso do Turismo.

CULTURA GAÚCHA COMO TRIBALIZAÇÃO URBANA

No que concerne ao primeiro recorte, entende-se que a dança tradicional gaúcha, especialmente no âmbito dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), constitui um espaço privilegiado para a observação de processos de tribalização urbana. Nesses contextos, práticas corporais, repertórios musicais e indumentárias evidenciam a articulação entre tradição e contemporaneidade, na medida em que essas práticas se inserem em contextos urbanos e dialogam com as transformações sociais.

Para a compreensão desse fenômeno, torna-se necessário, inicialmente, apresentar o estado do Rio Grande do Sul, para que o leitor entenda essa região específica ao sul do Brasil. Geograficamente estamos falando de extensão territorial de aproximadamente 281.748 km² (IBGE, 2022).

Também é importante ressaltar que o Rio Grande do Sul[7] apresenta uma trajetória histórica marcada por diferentes camadas de ocupação e influência cultural. Em um primeiro momento, a região era habitada por povos originários, como os guaranis e *kaingangs*[8], cujos saberes, rituais

[7] Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. (s.d.). Bicentenário da imigração alemã. Recuperado em 26 de maio de 2026, de https://cultura.rs.gov.br/bicentenario-da-imigracao-alema.

[8] Guaranis e kaingangs são povos originários indígenas da região sul do Brasil, historicamente vinculados aos territórios do atual Rio Grande do Sul e de outras áreas da América do Sul.

e práticas de convivência constituíram um legado fundamental para compreender a relação de equilíbrio e respeito entre o ser humano e a natureza.

A partir do século XVII, com o processo de colonização portuguesa e espanhola, inicia-se uma disputa pelo domínio da região. Nesse período, surgem também as primeiras estâncias, a pecuária extensiva e o ciclo missioneiro jesuítico, elementos que dariam origem à parte da identidade social e cultural gaúcha.

Conforme a Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, foi ao longo dos séculos XIX e XX que o estado do Rio Grande do Sul recebeu diferentes grupos de imigrantes europeus, configurando um processo decisivo para sua formação sociocultural. Os alemães, a partir de 1824, e, posteriormente, dos italianos, a partir de 1875, estes últimos concentrados sobretudo na região da Serra Gaúcha, introduziu práticas agrícolas, hábitos alimentares e formas específicas de sociabilidade que passaram a compor o cotidiano regional.

Esse processo histórico não se deu de forma homogênea, sendo atravessado por conflitos, negociações e movimentos de afirmação identitária, como a Revolução Farroupilha (1835–1845). Nesse sentido, a constituição do estado resulta da confluência entre povos indígenas, colonizadores, populações afrodescendentes, imigrantes europeus e distintos movimentos sociais, configurando um território culturalmente plural e dinâmico. Essa linha do tempo, composta por encontros e tensões, torna-se fundamental para compreender como tradições, práticas culturais e expressões corporais, entre elas a dança, foram sendo constituídas, transmitidas e ressignificadas ao longo da história.

A constituição da identidade gaúcha, portanto, está intrinsecamente relacionada a eventos históricos, fluxos migratórios, disputas territoriais e práticas econômicas que, ao longo do tempo, contribuíram para a consolidação de um imaginário coletivo específico. De acordo com Côrtes e Lessa (1984), manifestações como a dança, a música, a indumentária e os rituais coletivos tradicionalistas constituem expressões do folclore gaúcho e operam como mecanismos de preservação e transmissão cultural. Essa historicidade não se encontra dissociada dos contextos urbanos contemporâneos, como argumenta Hall (2006), as identidades culturais são continuamente reconstruídas nos processos sociais e históricos.

É nesse cenário que a dança tradicional gaúcha se inscreve, não apenas como manifestação folclórica ou espetáculo, mas como prática social que articula memória, identidade e

pertencimento. Por meio dela, narrativas históricas são corporificadas, valores são compartilhados e vínculos coletivos são continuamente reforçados. O tradicionalismo gaúcho, nesse contexto, procura mobilizar elementos da tradição como estratégia de preservação e atualização cultural. Assim Lessa (1985), inclusive, afirma que a proposta do CTG era, com base na cultura tradicional, criar uma cultura tradicionalista adaptável às mais diversas situações de tempo e espaço.

Ao serem vivenciadas em contextos contemporâneos, especialmente em espaços urbanos como os Centros de Tradições Gaúchas, essas práticas passam a configurar formas específicas de sociabilidade, nas quais o pertencimento se constrói pela experiência compartilhada, pela estética comum e pela ritualidade. Tal dinâmica dialoga com a noção de tribalização urbana proposta por Michel Maffesoli (1998), evidenciando a formação de coletivos baseados em afinidades simbólicas e afetivas, nos quais o "estar-junto" se torna central na produção de sentidos e identidades.

Na prática, a dança tradicional gaúcha constitui uma prática cultural, estruturada a partir de repertórios coreográficos, que articulam música, indumentária e gestualidade, sendo transmitida sobretudo no âmbito dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Esses espaços configuram-se como instituições culturais que promovem a preservação e a atualização de práticas tradicionalistas, por meio do encontro dos integrantes e, também, de eventos abertos para a comunidade.

A dinâmica interna dos CTGs é marcada por encontros sistemáticos, especialmente ensaios semanais, nos quais os participantes aprendem e aperfeiçoam coreografias tradicionais, como *chula*[9]*, vaneira*[10]*, pezinho*[11] e outras danças do repertório gaúcho, conforme estudos dos folcloristas Paixão Côrtes (1975) e Luiz Carlos Barbosa Lessa (1985). Os ensaios, citados anteriormente, não se restringem à dimensão técnica, mas constituem momentos de convivência e construção coletiva, nos quais se desenvolvem vínculos afetivos e identitários. A preparação para apresentações e competições envolve também a definição de indumentárias

[9] Chula é uma dança tradicional do folclore gaúcho, caracteriza-se por desafios coreográficos nos quais os dançarinos executam sapateados ritmados ao redor de uma lança colocada no chão.
[10] Vaneira é uma dança de salão, dançada em pares, com movimentos giratórios e ritmo associado aos bailes gaúchos.
[11] Pezinho é uma dança folclórica de origem açoriana, caracterizada por pequenos passos ritmados e movimentos coletivos em clima festivo.

específicas, a organização coreográfica e o alinhamento estético do grupo. Conforme exemplo na figura 1 a seguir, das indumentárias femininas e masculinas, respectivamente:

Figura 1. Indumentária Gaúcha

Fonte: Acerco pessoal (2026).

Além disso, a participação em eventos como *rodeios*[12], festivais e mostras culturais integra a rotina dos grupos, ampliando a experiência para além do espaço dos CTGs e inserindo os sujeitos em circuitos mais amplos de sociabilidade tradicionalista. Dessa forma, a vivência nos CTGs articula disciplina, ritualidade e convivência, configurando-se como um espaço privilegiado de produção de pertencimento e de territorialidades simbólicas.

Ainda a respeito da participação do grupo em eventos de cunho competitivo, sob a perspectiva de Maffesoli (1988), isso não implica, necessariamente, na fragilização dos vínculos coletivos. Ao contrário, pode atuar como elemento de intensificação do pertencimento, ao reforçar a experiência do "estar-junto". Os processos preparatórios, que incluem ensaios sistemáticos, construção coletiva das coreografias e definição de estratégias estéticas, configuram-se como rituais contemporâneos que consolidam laços afetivos e identitários. Nesse sentido, a competição pode ser compreendida como um dispositivo ritualizado, no qual o grupo reafirma

[12] Rodeios são eventos tradicionais da cultura gaúcha que reúnem competições campeiras, bailes, apresentações artísticas e manifestações ligadas à música regional, integrando práticas sociais e culturais.

sua coesão, ao se apresentar publicamente como unidade, mobilizando emoções compartilhadas, como orgulho, expectativa e celebração.

Adicionalmente, os festivais e rodeios frequentemente extrapolam a lógica estritamente competitiva, constituindo-se como espaços de encontro, circulação cultural e reconhecimento mútuo entre grupos. No vídeo do 36º Rodeio Internacional de Vacaria[13] (Canal Arte & Cultura, 2026), percebe-se a apresentação e a torcida do público para diversos grupos.

Tais eventos favorecem a formação de redes ampliadas de sociabilidade, aproximando-se da noção de "neo-tribos", conceito abordado por Maffesoli (1998) para descrever agrupamentos contemporâneos organizados a partir de vínculos afetivos, identificações simbólicas e experiências coletivas compartilhadas. Nesse contexto, o pertencimento se constrói tanto no interior dos grupos quanto na relação com uma comunidade mais ampla de praticantes do tradicionalismo.

Por outro lado, a leitura proposta por Zygmunt Bauman (2001) permite problematizar essa dinâmica, ao evidenciar os efeitos da lógica contemporânea de desempenho sobre as relações sociais. A introdução de critérios de avaliação, *rankings* e premiações pode deslocar o foco da experiência coletiva para a performance, promovendo uma orientação mais instrumental dos vínculos. Nesse contexto, há a possibilidade de que a busca por reconhecimento externo incentive comparações, gere tensões internas e contribua para a rotatividade dos participantes, sobretudo quando o engajamento passa a estar condicionado ao êxito competitivo.

A partir dessa perspectiva, pode-se identificar um risco de individualização no interior do coletivo, no qual a valorização da visibilidade e da performance técnica pode tensionar a dimensão afetiva do pertencimento. Uma leitura integrada, entretanto, sugere que tais dimensões não são mutuamente excludentes.

Nos grupos de dança tradicional gaúcha, portanto, a competição pode operar simultaneamente como mecanismo de fortalecimento da coesão grupal e como espaço de incorporação de lógicas contemporâneas de avaliação e desempenho. Trata-se, portanto, de um fenômeno onde

[13] O 36º Rodeio Internacional de Vacaria constitui um dos principais eventos do tradicionalismo gaúcho, reunindo Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), artistas e participantes de diferentes regiões do Brasil e de países vizinhos. Para além da dimensão competitiva, o evento configura-se como espaço de circulação cultural, sociabilidade e reafirmação identitária, no qual práticas como a dança, a música e os rituais tradicionalistas são compartilhadas e atualizadas coletivamente

percebem-se elementos de coesão simbólica e afetiva, como por exemplo: ritualidade, estética compartilhada e identidade coletiva. E, concomitantemente, elementos de racionalização, como: hierarquização, mensuração e premiação. Essa ambivalência é importante para a análise das territorialidades simbólicas, ao evidenciar como os processos de pertencimento são continuamente construídos e tensionados em contextos urbanos contemporâneos. Assim, conforme Castro (2016, p. 15):

> O fundamental nisso é a noção de intencionalidade: o sujeito pós-moderno não nasce, simplesmente, numa tribo, ele faz parte dela por opção. Sua interação social resulta de uma intenção. Uma tribo é uma comunidade intencional. A partir daí, conforme a variedade das dinâmicas sociais em curso, irão se desenvolver formas e processos empáticos diversos, nisto resultando, ao que pensamos, a generalidade do fenômeno.

Assim sendo, a perspectiva apresentada pelo autor contribui para uma compreensão final de que a dança tradicional gaúcha pode atuar como um dispositivo sociocultural, justamente a partir da intencionalidade dos dançarinos, que transforma a dança em prática de pertencimento construída a partir da escolha e da identificação coletiva. Nesse contexto, os sujeitos não apenas reproduzem tradições culturais, mas passam a integrar, de maneira afetiva e voluntária, comunidades simbólicas organizadas em torno da convivência, da ritualidade e do compartilhamento de experiências. Assim, a dança evidencia formas contemporâneas de sociabilidade nas quais o “estar-junto” se constitui como elemento central dos processos de identificação coletiva.

A “ALCATEIA” EM COPACABANA: MEGAEVENTO ARTÍSTICO-MUSICAL LATINO COMO TRIBALIZAÇÃO URBANA

Por um lado as práticas tradicionalistas gaúchas evidenciam formas de tribalização ancoradas na territorialidade e na continuidade histórica; por outro, os contextos urbanos dos megaeventos artísticos-musicais contemporâneos latino-americanos também revelam a emergência de tribalizações marcadas pela mobilidade, pela mediação tecnológica e pela centralidade do afeto. Nesse cenário, destacam-se as tribalizações artístico-musicais associadas a artistas da América Latina, cujos os fãs configuram comunidades que atravessam fronteiras nacionais, linguísticas e culturais.

Artistas, como a cantora colombiana Shakira, exemplificam a formação dessas comunidades afetivas transnacionais, já que seus shows, turnês e aparições públicas mobilizam fluxos intensos

de fãs que se deslocam entre cidades e países, transformando eventos musicais em verdadeiros rituais contemporâneos.

É nesse contexto que surge o segundo recorte empírico, proposto neste estudo, situado no campo dos megaeventos artístico-musicais em uma escala latino-americana, tendo como foco o show da cantora colombiana Shakira, realizado em 2 de maio de 2026, na Praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, no âmbito do projeto Todo Mundo no Rio. A apresentação reuniu aproximadamente 2 milhões de pessoas (Freire, 2026), configurando-se como um dos maiores eventos musicais ao ar livre, já registrados no mundo, e consolidando o Rio de Janeiro e a praia de Copacabana como território simbólico de megaeventos artístico-musicais de alcance global.

Este estudo segue para além da dimensão espetacular dos números, o evento revela processos profundos de tribalização urbana, no que propõe Maffesoli (1998). A figura da "loba", símbolo artístico central na carreira da cantora Shakira, que foi apresentado desde o álbum e música She Wolf (2009) e ressignificado ao longo de sua trajetória, como metáfora de independência, resiliência e feminilidade, funciona como um totem aglutinador de uma tribo contemporânea e que se autodenomina de "alcateia". Em referência à canção da artista, os fãs passaram a adotar o termo "alcateia" para definir o nome do grupo de fãs. O símbolo ganhou uma força maior após o término conturbado do relacionamento da cantora com Gerard Piqué, em 2022, momento a partir do qual a figura da loba passou a ser apropriada pela comunidade de fãs como emblema coletivo de superação e autonomia feminina. Em outras palavras, está em pauta aqui uma identidade tribal que vai além da apreciação musical e se constitui em torno de valores compartilhados (sonoridade, autonomia e resistência), produzindo pertencimento simbólico de forte carga afetiva.

Essa dimensão tribal se materializou, de forma notável, no espaço urbano de Copacabana. A apresentação foi aberta por um show de drones, que desenhou a figura de uma loba no céu carioca, como mostrado na figura 2, e Shakira subiu ao palco com um figurino nas cores do Brasil (verde e amarelo), falando em Português sobre sua trajetória no país (Monratelli, 2026). O gesto inaugural não foi apenas coreográfico, fazendo parte da performance. Teve expressão marcante, como se fosse um ritual. A figura da loba desenhada no céu marcou, mesmo que simbolicamente, a territorialização temporária daquele espaço pela tribo alcateia. Representou

uma apropriação coletiva, na orla de Copacabana, que, por algumas horas, tornou-se o lar daquela alcateia

Figura 2. Show de Drones

Fonte: Cortesia de DRIFT e Shakira (2026).

Nesse sentido, a análise vai ao encontro da noção maffesoliana de “estar-junto’, na qual o que realmente funda uma sociabilidade contemporânea não é o contrato racional, mas a emoção compartilhada, a estética em comum e a ritualidade coletiva. Em diversos momentos, a plateia cantou em Espanhol, Inglês e ‘portunhol’[14] para cantar junto com a artista. Enquanto isso, a cantora Shakira transitava para o português, criando um diálogo não só entre o Brasil e a Colômbia, mas com toda a América Latina hispano falante, expressão que ultrapassava a música e se transformava em conexão cultural (Gaier, 2026).

Essa troca linguística espontânea entre artista e público funciona como recurso comunicativo recorrente em contextos de fronteira e de circulação cultural latino-americana, expressando, de forma simbólica, a permeabilidade e a fluidez das identidades regionais. No contexto dos megaeventos artístico-musicais, seu uso espontâneo pela plateia evidencia a construção de uma

[14] O "portunhol" é uma prática linguística híbrida, resultante do contato entre o português e o espanhol, caracterizada pela alternância e mistura espontânea entre os dois idiomas.

compartilhada, na qual a língua deixa de ser barreira e passa a ser ponte afetiva entre diferentes povos latino-americanos., evidenciando a produção de um espaço vivido, sentido e narrado coletivamente, nos termos de Maffesoli (1998).

A comunidade de fãs latino-americanos opera em uma lógica de circulação e conectividade, construindo simultaneamente espaços físicos e digitais, e a mediação tecnológica é central nesse processo. Conforme Castells (2013), as sociedades contemporâneas são estruturadas em redes, nas quais os fluxos de informação e comunicação trazem formas de pertencimento. É interessante pensar nisso em relação ao conjunto de fãs latinos-americanos, onde são nas plataformas digitais que permitem a articulação de diferentes comunidades, mas que compartilham referências culturais, idiomas híbridos (portunhol ou spanglish) e repertórios simbólicos comuns, reforçando a identidade latino-americana nos megaeventos, como no Todo Mundo no Rio com a Shakira.

Essa perspectiva pode ser aprofundada a partir das contribuições de Canclini (2013), que compreende a cultura latino-americana como resultado de processos de hibridação. Trazendo isso para a comunidade de fãs artístico-musicais, essa hibridação manifesta-se na circulação de estilos, ritmos e identidades que articulam tradições locais com influências globais, produzindo novas formas de expressão cultural. Assim, o consumo musical deixa de ser uma prática passiva para se tornar um espaço de identidade, afirmação simbólica e pertencimento.

O caráter latino do megaevento merece uma atenção particular. A imprensa europeia destacou que Shakira reuniu entretenimento de massa, identidade latina e narrativas políticas, ligadas à força das mulheres, e o jornal espanhol El País classificou o show como o maior de sua carreira e o espetáculo com o maior público já realizado por um artista latino (Gual, 2026). Trata-se de um dado relevante para a análise das territorialidades ecossistêmicas na América Latina: o megaevento não apenas ocupa um território físico, mas afirma uma identidade coletiva latinoamericana, convocando corpos, afetos e memórias culturais compartilhadas.

Levando isso para a perspectiva turística, o evento revela tanto potências quanto tensões. A Prefeitura do Rio estimou que o show movimentou cerca de R$800 milhões na economia carioca, em setores como hotelaria, gastronomia, transporte e comércio, e os dados acumulados do projeto Todo mundo no Rio indicam crescimento de 90,5% no fluxo de turistas, no feriado de primeiro de maio de 2026, em relação a 2023, quando ainda não existia o evento (Prefeitura da

Cidade do Rio de Janeiro, 2026). O turismo gerado pelo megaevento, não é apenas quantitativo, mas é qualitativo também, já que mobiliza experiências sensíveis e afetivas, que não se reduzem a formatos convencionais de visitação urbana.

Em um dos momentos mais íntimos da apresentação, durante a música “Acróstico”, imagens dos filhos de Shakira foram exibidas nos telões, e a cantora dedicou o show às mulheres, especialmente às mães solo, afirmando que, no Brasil, existem mais de 20 milhões delas (Gual, 2026). Esse gesto traz a dimensão afetiva e política da tribalização, em que o megaevento deixa de ser apenas entretenimento e passa a ser espaço de reconhecimento do outro como si próprio, de cura coletiva e de afirmação identitária. Trata-se de algo bem próximo do que Baptista (2021) compreende como experiência comunicacional amorosa.

A cantora Shakira transformou a praia de Copacabana em um grande altar a céu aberto, em plena lua cheia,em um espaço que faz sentido, do começo ao fim, para a loba uivar com sua alcateia. Essa imagem, poética em sua essência, revela a potência das tribalizações urbanas musicais, como produtoras de territorialidades simbólicas profundas, onde os espaços da cidade são temporariamente reinventados pela emoção coletiva, pelo pertencimento e pelo encontro entre culturas latinoamericanas.

METODOLOGIA

Antes de apresentar os procedimentos metodológicos, é importante ressaltar que os pressupostos científicos que orientam este texto estão alinhados com a perspectiva da complexidade, da transdisciplinaridade e da visão ecossistêmica da Ciência. Parte-se do entendimento de que os fenômenos contemporâneos não podem ser compreendidos de forma fragmentada ou reducionista, exigindo uma abordagem capaz de reconhecer as interconexões entre diferentes saberes, sujeitos e dimensões da vida social, cultural e simbólica.

Nesse sentido, o estudo dialoga com o pensamento complexo de Morin (2007; 2020), compreendendo a Ciência como processo de religação de saberes e produção de conhecimento em constante transformação. Também se aproxima da perspectiva ecossistêmica, proposta por Baptista (1999; 2020; 2023), que entende a realidade como uma trama de relações, atravessamentos e redes interdependentes.

Já em termos metodológicos, este estudo orienta-se pela combinação de duas estratégias propostas por Baptista (2014; 2023): a Cartografia dos Saberes e as Matrizes Rizomáticas. Trata-se de uma abordagem processual e plurimetodológica, que considera a complexidade dos fenômenos investigados. A Cartografia dos Saberes propõe a condução da pesquisa em cinco trilhas amplas, complementares e simultâneas. A primeira, a "Trilha Trama dos Entrelaços Nós da Pesquisa", orienta a identificação dos focos investigativos que sustentam o estudo, neste caso, os processos de tribalização urbana e suas relações com territorialidades ecossistêmicas e experiências turísticas em dois ecossistemas distintos: a dança tradicional gaúcha nos CTGs e o megaevento artístico-musical Todo Mundo no Rio 2026, com a cantora Shakira. O contraponto que organiza a análise reside justamente na diferença de natureza entre os dois fenômenos, um ancorado na continuidade histórica, na ritualidade cotidiana e no enraizamento territorial; o outro marcado pela intensidade, pela mobilidade e pela mediação tecnológica, diferença que, paradoxalmente, revela uma mesma lógica subjacente: a produção de pertencimento, identidade e experiência turística sensível por meio do afeto coletivo e da ritualidade compartilhada.

A segunda trilha, a "Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva da Pesquisa", reconhece a trajetória e os saberes prévios das pesquisadoras como parte constitutiva do processo investigativo. Neste estudo, essa dimensão se materializa de formas distintas em cada recorte: uma das pesquisadoras é frequentadora ativa de um Centro de Tradições Gaúchas, vivenciando, diretamente, as práticas, ritualidades e vínculos afetivos que caracterizam essa tribalização. O segundo recorte, o show da Shakira em Copacabana, foi acompanhado a distância, pela transmissão televisiva da Rede Globo e pela observação das repercussões nas redes sociais digitais, o que não diminui a potência analítica da experiência, mas a situa em uma dimensão de mediação tecnológica, coerente com a própria natureza desse tipo de tribalização urbana contemporânea.

A terceira trilha, a "Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica", abrange a cartografia do que já foi pesquisado sobre os temas em estudo, articulando os referenciais de Maffesoli (1998), Canclini (2013), Castells (2013), Capra (1996; 2007), Bauman (2001), Santos (2010) e Baptista (2014; 2021; 2023), entre outros, com os saberes e entrelaçamentos das próprias pesquisadoras. A quarta trilha, a "Usina de Produção" ou "Trama dos Fazeres", envolve as aproximações e ações investigativas desenvolvidas ao longo do estudo. No quadro 1, está destacado os procedimentos metodológicos por ecossistema.

Quadro 1. Procedimentos metodológicos por ecossistema

	Tribalização Gaúcha (CTGs)	Tribalização da Alcateia (Shakira / Copacabana)
Posição da pesquisadora	Observação participante — frequenta e compete por um CTG	Observação Sistemática — acompanhou o evento pela televisão (Rede Globo) e pelas redes sociais digitais
Fontes utilizadas	Vivência etnográfica, referencial teórico, registros do grupo	Cobertura televisiva, imprensa nacional e internacional, redes sociais, dados da Prefeitura do Rio
Natureza dos dados	Experiencial, sensível e subjetivo	Midiático, documental e analítico

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

A investigação foi atravessada por diferentes níveis de inserção das pesquisadoras nos ecossistemas analisados. No ecossistema referente aos CTGs, uma das autoras possui vivência direta no tradicionalismo gaúcho, participando de atividades competitivas e culturais vinculadas aos Centros de Tradições Gaúchas. Já no ecossistema relacionado ao megaevento artístico-musical protagonizado por Shakira, a análise foi realizada a partir do acompanhamento mediado por transmissões televisivas, redes sociais digitais e repercussões midiáticas, conduzida pela autora que possui com trajetória investigativa voltada aos megaeventos artístico-musicais e suas interfaces com o turismo. A terceira autora atuou na orientação epistemológica e metodológica da investigação, contribuindo para a articulação teórico-conceitual entre os dois ecossistemas analisados.

No quadro 2 representa as características de cada universo de tribalização representado neste artigo.

Quadro 2. Características dos universos de tribalização analisados

Aspecto	CTG's / Tribalização Gaúcha	Alcateia da Shakira
Natureza	Ancorada na tradição e na continuidade histórica	Emergente, mediada tecnologicamente
Escala	Transnacional (América Latina)	Transnacional (América Latina)
Temporalidade	Permanente, ritualizada no cotidiano	Efêmera e intensa
Totem	Bombacha, chula, símbolos gaúchos	Figura da loba / Shakira
Pertencimento	Construído pela ritualidade e enraizamento histórico	Construído pelo afeto compartilhado e pela mediação digital
Ritualidade	Ensaios, rodeios, festivais	Shows, fandom, redes sociais

Experiência Turística	Imersiva e comunitária	Espetacularizada e emocional

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Por fim, tem-se a quinta trilha, a “Dimensão Intuitiva da Pesquisa”, aponta para as aberturas ao conhecimento sensível e inconsciente que emergem no percurso investigativo, reconhecendo que, conforme Baptista (In Baptista; Eme, 2023), "a intuição é uma espécie de fio invisível que costura a vida e a pesquisa, orientando-nos para percursos mais relacionados com nossos sentires íntimos e nossa visão do mundo".

A Cartografia dos Saberes é inspirada na concepção de cartografia apresentada por Rolnik (1989), em que o mapa não representa um território fixo, mas acompanha suas constantes transformações. Essa lógica de mapeamento dinâmico mostrou-se especialmente adequada para investigar fenômenos como as tribalizações urbanas, que são, por natureza, fluidos, afetivos e em permanente reconfiguração.

A complexidade desse processo se manifesta, de forma integrada e organizada, nas Matrizes Rizomáticas, quadros de referência que sistematizam e tornam visíveis as conexões entre os diversos caminhos percorridos na investigação. O termo "matriz" remete à sua origem latina, evocando a ideia de geração e de início, enquanto o conceito de "rizoma", derivado de Deleuze e Guattari (1995), representa raízes de crescimento irregular, analogia potente para uma pesquisa que não segue trilhas lineares, mas se desenvolve de forma fluida, dissipativa e em constante mutação. Apresentadas pela primeira vez por Baptista em 2017 e posteriormente atualizadas pela autora, em parceria com Eme (2023), as Matrizes Rizomáticas reforçam a compreensão de que a pesquisa científica é um processo pulsante e holístico, que acompanha as transformações contínuas do contexto em que se insere.

RESULTADOS

Os resultados indicam que as tribalizações urbanas associadas à dança tradicional gaúcha operam como espaços de construção de territorialidades ecossistêmicas densas e multifacetadas. Tais espaços promovem, por exemplo: a reatualização de narrativas identitárias; a produção de vínculos afetivos entre sujeitos; a criação de ambiências de hospitalidade e acolhimento; e a mediação de experiências turísticas baseadas no sensível e no compartilhamento cultural. Observa-se que, nesses contextos, o turista não ocupa apenas a

posição de espectador, mas pode ser incorporado às dinâmicas do grupo, vivenciando práticas culturais de forma participativa.

No que se refere ao ecossistema dos CTGs, a vivência da pesquisadora no interior de um Centro de Tradições Gaúchas permitiu observar que a tribalização gaúcha se constitui de maneira contínua e ritualizada. Os ensaios semanais, as indumentárias, as coreografias e os festivais não são apenas práticas culturais preservadas, são dispositivos vivos de produção de pertencimento. O "estar-junto" de Maffesoli (1998) manifesta-se de forma concreta e recorrente nesses espaços, revelando uma territorialidade simbólica que, embora enraizada no passado histórico do Rio Grande do Sul, se renova permanentemente no cotidiano urbano contemporâneo. Essa dinâmica gera, também, um fluxo turístico qualitativo, no qual visitantes são atraídos não apenas pelo espetáculo da dança, mas pela possibilidade de imersão em um universo cultural carregado de sentido e afetividade.

No segundo ecossistema, os resultados apontam para uma tribalização de natureza distinta, mas igualmente potente. O show da Shakira em Copacabana evidenciou a capacidade dos megaeventos artístico-musicais de produzirem territorialidades ecossistêmicas temporárias e intensas, capazes de mobilizar milhões de corpos, afetos e memórias culturais compartilhadas em torno de um mesmo espaço e de um mesmo momento. A observação da cobertura televisiva e das repercussões nas redes sociais digitais revelou que a tribalização da "alcateia" não se encerra no evento presencial. Ela se estende, se amplifica e se ressignifica continuamente nas plataformas digitais, configurando uma comunidade simbólica que habita simultaneamente o espaço físico de Copacabana e os espaços virtuais de circulação cultural latino-americana. Os impactos turísticos mensuráveis: o crescimento de 90,5% no fluxo de visitantes e a movimentação estimada de R$ 800 milhões na economia carioca (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2026), revelam apenas a camada mais visível de um fenômeno cujas dimensões simbólicas e afetivas são igualmente significativas e profundas.

Comparativamente, os dois recortes evidenciam que as tribalizações urbanas, embora distintas em suas temporalidades, escalas e formas de pertencimento, convergem em um ponto fundamental: ambas produzem territorialidades ecossistêmicas que transformam o espaço urbano em espaço vivido, sentido e narrado coletivamente. Enquanto a tribalização gaúcha opera pela continuidade, pela ritualidade cotidiana e pelo enraizamento histórico, a tribalização da alcateia do show da Shakira opera pela intensidade, pela mobilidade e pela mediação

tecnológica. Em outras palavras, são dois modos complementares de produzir sentido, identidade e experiência turística na América Latina contemporânea.

Um aspecto que emerge com particular força em ambos os ecossistemas é a dimensão de gênero como elemento estruturante das tribalizações analisadas. Nos CTGs, embora o imaginário gaúcho seja historicamente marcado pela figura masculina do gaúcho campeiro, observa-se que, frequentemente, são as mulheres (mães, filhas, professoras de dança) as principais guardiãs e transmissoras das práticas tradicionais, sustentando, afetivamente, a coesão dos grupos. Essa presença feminina, muitas vezes silenciosa e invisibilizada pelo imaginário oficial do tradicionalismo, revela que o pertencimento tribal se tece, em grande medida, pelo cuidado e pela afetividade que as mulheres colocam em circulação nesses espaços. Essa mesma lógica, deslocada para uma escala e uma linguagem contemporâneas, reaparece com o show da Shakira, essa dimensão se manifesta de forma ainda mais explícita: a "alcateia" é uma tribo majoritariamente feminina, constituída em torno de valores de sororidade, superação e autonomia. A dedicação do show às mães solo brasileiras não foi um gesto isolado da artista, foi o reconhecimento público de uma identidade coletiva que transcende a música e se afirma como posicionamento político e afetivo. Nesse sentido, os dois recortes sinalizam que as tribalizações urbanas contemporâneas são também espaços de negociação e afirmação de identidades de gênero latinas.

Por fim, os resultados dos dois ecossistemas analisados, indicam, cada um a seu modo, para a importância da compreensão do turismo como fenômeno relacional e amoroso, nos termos propostos pelo Amorcomtur!, Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Tanto a vivência nos CTGs quanto a experiência coletiva do megaevento artístico-musical em Copacabana revelam que as experiências turísticas mais potentes não são aquelas organizadas apenas em torno do consumo ou do espetáculo, mas aquelas que produzem reconhecimento, pertencimento e cuidado mútuo.

As tribalizações analisadas revelam, ainda, contribuições concretas para a construção de um turismo mais ético e alinhado às potências da América Latina. Nos CTGs, a lógica do acolhimento, expressa na abertura dos grupos para que visitantes e forasteiros participem dos ensaios, festivais e celebrações, aponta para uma hospitalidade genuína, fundada não na prestação de serviço, mas no desejo de partilha. No megaevento da Shakira, a dimensão ética se manifesta na capacidade de o evento promover reconhecimento e visibilidade a identidades

historicamente marginalizadas (mulheres, mães solo, comunidades latinas), transformando o espaço turístico em espaço de afirmação e cura coletiva. Em ambos os casos, o turismo deixa de ser apenas deslocamento e consumo, em suas dimensões concretas e econômicas, para tornar-se encontro: entre culturas, entre corpos, afetos, entre memórias e entre formas distintas de habitar o mundo.

DISCUSSÃO

A análise permite compreender que as tribalizações urbanas não apenas preservam tradições, mas as reinventam continuamente, articulando passado e presente em processos dinâmicos de significação. Lembrando Maturana, trata-se da coordenação de operações recorrentes, que, na repetição conservam e transformam o ecossistema, fazendo reiterar a existência, ou seja, autopoietizando. Nesse sentido, a dança tradicional gaúcha atua como linguagem que materializa essas conexões, configurando-se como prática de resistência cultural e de produção de sentido. No contexto latino-americano, tais experiências dialogam com a ideia de turismo como prática transformadora, ao promover encontros interculturais baseados no respeito, na escuta e na valorização das diferenças. As territorialidades ecossistêmicas construídas nesses espaços tornam-se, assim, trilhas possíveis para um turismo mais ético e amoroso.

Essa compreensão se aprofunda quando os dois ecossistemas são colocados em diálogo, onde Maffesoli (1998) já apontava que o que funda as tribos contemporâneas não é o contrato racional, mas o compartilhamento emocional, e ambos os recortes confirmam esse pensamento de maneira contundente; porém, cada um a seu modo e em sua escala.

É igualmente relevante observar que os dois ecossistemas situam-se em contextos latino-americanos distintos, mas complementares. O primeiro ancora-se em uma identidade regional fortemente territorializada, construída ao longo de séculos de história, conflitos e migrações no sul do Brasil. O segundo emerge de uma latinidade transnacional, fluida e mediada tecnologicamente, que atravessa fronteiras linguísticas e nacionais, para constituir uma comunidade de fãs de alcance continental. Essa dupla perspectiva enriquece a análise, ao revelar que a América Latina não possui uma única forma de produzir territorialidade e pertencimento, mas uma pluralidade de modos de existir coletivamente, o que Canclini (2013) compreende como resultado de processos contínuos de hibridação cultural.

A dimensão turística, presente nos dois ecossistemas, merece ser discutida para além de seus indicadores econômicos. Se, de acordo com Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (2026), o crescimento de 90,5% no fluxo de turistas, durante o feriado de maio de 2026, e os R$ 800 milhões movimentados pelo show da Shakira evidenciam o potencial econômico dos megaeventos, é preciso reconhecer que o turismo gerado pelas tribalizações urbanas possui, tanto nos CTGs quanto em Copacabana, uma qualidade específica que escapa à mensuração quantitativa. Trata-se de um turismo que se alimenta do sensível, do simbólico e do afetivo - em uma linguagem associada ao Marketing, poder-se-ia dizer, do valor emocional agregado, mais que tudo, no qual o que atrai o visitante não é apenas o espetáculo em si, mas a possibilidade de participar, mesmo que temporariamente, de uma experiência coletiva de pertencimento e adoração a um totem, que no caso, é a cantora colombiana Shakira e a tradição dos CTGs. Essa dimensão convida a refletir sobre a amorosidade como dimensão potencializadora do turismo, proposta por Baptista e demonstrada em estudos do Amorcomtur!, que compreende o encontro turístico como oportunidade de reconhecimento do outro e de ampliação da própria humanidade.

Tanto o CTG quanto a praia de Copacabana, durante o show da Shakira, funcionaram como esses nós: espaços onde a teia da vida, para usar a metáfora de Capra, se manifestou com intensidade, reunindo pessoas em torno de algo que vai além de si mesmas. É justamente nessa capacidade de convocar o coletivo e de produzir sentido compartilhado que reside o potencial transformador dessas tribalizações para o campo do turismo.

Nesse horizonte, este estudo sugere que as tribalizações urbanas latino-americanas constituem um campo fértil para a construção de políticas e práticas turísticas mais justas, sensíveis e humanizadas. Reconhecer o potencial das tribos urbanas, sejam elas enraizadas na tradição ou constituídas em torno de megaeventos culturais, como agentes de um turismo ético, implica valorizar seus saberes, seus rituais e suas territorialidades como patrimônios vivos, e não apenas como atrativos a serem consumidos, ou como público-alvo a ser persuadido para o consumo.

É nessa direção que este estudo aponta: para um turismo que aprende com as tribos, que se deixa afetar por seus totens e que reconhece, na potência do coletivo latino-americano, um caminho possível para experiências turísticas mais amorosas, inclusivas e transformadoras. Isto significa pensar em um Turismo que surja de bons afetos e que represente, de fato, a

transversalização de universos existenciais, na construção de coexistências marcadas pela confiança, pela ética, pela alegria de coexistir e bem conviver.

Por fim, a discussão aponta para a necessidade de que o campo do turismo e da hospitalidade reconheça e valorize as tribalizações urbanas como fenômenos legítimos de produção cultural e de experiência turística, bem como para a reflexão ética sobre a importância de direcionamentos de amorosidade, tanto para as práticas quanto para os estudos dessas áreas. Isso implica superar perspectivas que reduzem o turismo à lógica do consumo e do espetáculo, em direção a abordagens que compreendam o encontro cultural como experiência ética, sensível e transformadora, alinhada às vozes, aos corpos e às territorialidades da América Latina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidencia que as tribalizações urbanas, ao articularem pertencimento, identidade e prática cultural, desempenham papel relevante na construção de territorialidades simbólicas e experiências turísticas em contextos urbanos contemporâneos.

A dança tradicional gaúcha, nesse cenário, emerge como dispositivo potente de mediação cultural, capaz de conectar sujeitos e territórios, produzindo experiências sensíveis e significativas. O megaevento artístico-musical protagonizado por Shakira em Copacabana, por sua vez, demonstrou que as tribalizações urbanas contemporâneas não se restringem a práticas culturais enraizadas territorialmente, mas emergem também de encontros intensos, temporários e mediados tecnologicamente, capazes de produzir territorialidades simbólicas de alcance latino-americano. A "alcateia" que ocupou a orla carioca em 2 de maio de 2026 não era apenas um público de show, era uma tribo que chegou com seus totens, seus rituais e seus valores compartilhados, transformando um espaço urbano em território simbólico de pertencimento coletivo.

A aproximação entre os dois ecossistemas revela, ainda, que a América Latina possui formas próprias e plurais de produzir cultura, identidade e turismo. Entre a chula dançada nos CTGs gaúchos e o uivo coletivo da alcateia em Copacabana, há muito mais convergência do que divergência: em ambos os casos, são os laços afetivos, a estética compartilhada e a ritualidade coletiva que fundam o pertencimento e tornam possível a experiência turística sensível. Trata-se, em suma, de reconhecer que o turismo mais potente não é aquele que transporta corpos de

um lugar a outro, mas aquele que move afetos, memórias e identidades, conectando pessoas a territórios e a si mesmas.

Ao dialogar com perspectivas latino-americanas, o artigo contribui para a compreensão do turismo como prática relacional, ética e transformadora. Como desdobramento, sugere-se o aprofundamento de investigações empíricas que ampliem a escuta das vozes envolvidas nesses processos, fortalecendo a construção de um turismo alinhado às complexidades e potências da América Latina.

Nesse horizonte, este estudo reafirma o compromisso epistemológico do Amorcomtur! com uma ciência que se faz no entrelaçamento entre rigor e sensibilidade, entre teoria e vivência, entre o pesquisador e o mundo que investiga. A Cartografia dos Saberes e as Matrizes Rizomáticas mostraram-se estratégias metodológicas adequadas para acompanhar a fluidez e a complexidade das tribalizações urbanas analisadas, confirmando que pesquisar fenômenos afetivos e culturais exige também uma postura afetiva e aberta por parte de quem pesquisa. Que essa viagem investigativa possa inspirar novos percursos, novas trilhas e novos encontros, no campo da ciência e no avesso do turismo.

REFERÊNCIAS

Baptista, M. L. C. (2014). Cartografia de saberes na pesquisa em turismo: Proposições metodológicas para uma ciência em mutação. *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 6, 342–355.

Baptista, M. L. C. (2021). Amorosidade, autopoiese e 'com-': A potência dos 'entrelaços nós' na educação e na ciência. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 16(4).

Baptista, M. L. C., & Eme, J. B. (2023). Estratégias de 'sobre-vivência' metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 18, e023042.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.

Canal Arte & Cultura. (2026, fevereiro 8). *36º Rodeio Internacional de Vacaria* (transmissão ao vivo) [Vídeo]. YouTube. Link

Canclini, N. G. (2013). *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade* (4nd ed.). Edusp.

Capra, F. (1996). *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Cultrix. Capra, F. (2007). *As conexões ocultas: Ciência para uma vida sustentável*. Cultrix.

Castells, M. (2013). *A Sociedade em Rede* (28nd ed.). Paz & Terra

Freire, T. (2026, 03 de maio). *Mais de 2 milhões de pessoas assistem ao show de Shakira em Copacabana*. Agência Brasil.

Freud, S. (1974). *Totem e tabu e outros trabalhos* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1913).

Gaier, R. V. (2026, 03 maio). *Hits don't lie: Shakira concert draws 2 million fans in Rio*. Reuters.

Gual, J. R. (2026, 3 de maio). Shakira, aclamada reina de la música latina por dos millones de personas en la playa de Copacabana. *El País*.

Lessa, L. C. B. (1985). *Nativismo: Um fenômeno social gaúcho*. L&PM

Levi-Strauss, C. (1986). *O totemismo hoje*. Edições 70. (Obra original publicada em 1962)

Maffesoli, M. (1998). *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa* (2ª ed.; M. de L. Menezes, Trad.). Forense Universitária.

Maturana, H. (2004). *Amar e brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. Palas Athena.

Moratelli, V. (2026, 03 maio). *Shakira: show de drones encanta Copacabana; assista*. Veja.

Paixão Côrtes, J. C. D. A. P., & Barbosa Lessa, L. C. (1975). *Danças e andanças: Da tradição gaúcha*. Editora Garatuja.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. (2026). *Potenciais impactos econômicos do "Todo Mundo no Rio" 2026 – Shakira*. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico & Riotur.

Santos, B. S. (2010). Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In B. S. Santos & M. M. Paula (Orgs.), *Epistemologias do sul*. Cortez Editora.

Shakira (2009). She Wolf [Faixa]. Em *She Wolf* [álbum]. Epic Records.